

## Visão em Ação

Ensaio por Yasuhiko Genku Kimura

Introdução à edição brasileira, 2009

Experiências pessoais poderosas de nossa juventude, que despertam a paixão de nossas almas, estimulam visões criativas que moldarão nossos destinos futuros.

Uma experiência deste tipo, na minha juventude, foi encontrar o trabalho do mestre zen Dogen (1200 – 1253). De forma interessante, sua celebrada obra-prima, Shobogenzo, apareceu para mim primeiramente através de diversos estudos comparativos entre a filosofia existencialista e o zen budismo, especialmente entre Martin Heidegger e mestre Dogen., feitos por filósofos japoneses contemporâneos .

Shobogenzu foi extremamente difícil de ser decifrado intelectualmente, ainda mais difícil que Ser e Tempo de Heidegger ou que Crítica da Razão Pura de Kant. Ainda assim, ao contrário das últimas duas obras, às quais tive acesso através de traduções, as palavras de mestre Dogen, escritas em um sonoro japonês antigo com beleza, originalidade e precisão incomparáveis, falaram direto ao meu coração.

Aprender o caminho do Buda é aprender o eu.

Aprender o eu é esquecer o eu.

Esquecer o eu é ser despertado pelo todo.

Estar desperto como um todo é deixar o seu corpo-mente e o dos outros desaparecerem.

Existe um estado no qual nenhum rastro de despertar espiritual permanece.

O despertar sem rastro continua a se desdobrar para todo o sempre.

Enquanto estudava com os mestres zen contemporâneos, tive uma descoberta tripla, que permaneceu comigo pelo resto de minha vida. Que (1) meu despertar espiritual é completamente independente da condição humana geral, de forma que eu posso estar realizado e desperto espiritualmente mesmo que o resto da humanidade esteja em agonia e em sofrimento; (2) meu despertar espiritual será existencialmente incompleto até que o resto da humanidade desperte e alcance a realização espiritual; (3) não existe ponto final no processo de evolução espiritual, pois a evolução é um processo aberto de aprendizado.

Mais tarde, aos vinte e poucos anos de idade, viajei para a Índia para seguir meus estudos de budismo e de várias escolas de hinduísmo. Lá, deparei-me diretamente com a terrível realidade da pobreza abjeta existente no mundo, que assola e mata milhões de seres humanos. Essa foi mais uma experiência poderosa que mudou minha vida e estremeceu profundamente meu coração. Eu perguntei: “Como meu despertar espiritual e meu estudo filosófico podem ser relevantes ou significativos se eles não contribuírem para o alívio do sofrimento humano interno e externo?”

Naquela época reconheci que havia uma crença oculta que dominava as mentes e as atitudes da humanidade como um todo: a busca do despertar-transformação espiritual e a busca pela criação de riqueza material são mutuamente exclusivas; “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um homem rico entrar no reino de Deus”. Percebi que esta crença

era baseada em uma incompreensão do que constituía a riqueza ou a pobreza em um contexto espiritual-filosófico.

O mestre Dogen disse (em Shobogenzo Zuimonki), “Aqueles que aprendem o caminho do Buda precisam aprender a verdadeira pobreza”. Jesus Cristo disse, “Benditos os pobres de espírito, pois deles é o reino dos céus”. É muito interessante que, separados por muitos séculos e vindos de diferentes culturas, estes dois mestres espirituais tenham feito declarações semelhantes. A pobreza verdadeira é a “pobreza de espírito” e a “pobreza de espírito” significa o estado de desapego espiritual de tudo o que possui ou é possuído pela mente – isto é, conhecimento, crenças, opiniões, e tudo o mais com que a mente se identifica como “meu (alguma coisa)” ou “minha”. A verdadeira pobreza não significa ausência de posses, mas ausência de possessividade.

Não existe conflito inerente ou exclusividade mútua entre a busca do despertar espiritual e a busca por criação de riqueza – entre o caminho espiritual, além deste mundo, e o caminho mundano, deste mundo. Compreendidos de maneira correta, estes dois caminhos são mutuamente complementares, não contraditórios. O despertar espiritual é uma busca evolucionária onde realizamos quem realmente somos - isto é, o contínuo divino-humano; enquanto a criação de riqueza é o caminho criativo no qual realizamos o que realmente somos – isto é, a imagem e semelhança do Criador – ou seja a criatividade e a paixão criativa como tais.

Para nos engajarmos inteligentemente no caminho do despertar espiritual ou no caminho da criação de riqueza é necessário um estado mental, estado de consciência e de existência no qual permanecemos comprometidos com o processo de evolução ou de criação em si mesmo, não com o produto ou com o resultado conseqüente – tais como uma “experiência de iluminação” ou um artefato material ou riqueza. Tanto os budistas quanto os taoístas afirmam que o caminho está no caminhar, o caminho é o caminhar – isto é, o processo é primário, enquanto o resultado é secundário. Os resultados da evolução espiritual ou da criação de riqueza estão presentes simplesmente para serem desfrutados, e tal desfrute aumenta quando não há apego ou possessividade, mas um espírito de generosidade – de doação e de compartilhamento incondicional.

De uma forma similar, as pessoas tendem a presumir que o que é chamado de “propriedade” significa “posses materiais”. O verdadeiro significado de “propriedade” é diferente dessa presunção. “Propriedade” significa primeiramente a própria vida de um ser humano individual e depois todos os derivativos de sua vida, exceto os oriundos da procriação, sendo que os pensamentos e as idéias podem ser considerados como propriedades primárias de um ser humano. Ações surgem de idéias e de pensamentos como propriedades secundárias. O que é chamado de “liberdade” designa a posse e autoria das próprias ações por um indivíduo, o que implica em direitos e responsabilidades individuais.

Portanto, novamente, não existe conflito entre o caminho do despertar espiritual e o conceito de propriedade ou posse. O caminho do despertar espiritual pressupõe a aceitação tácita da propriedade individual – isto é, os direitos e responsabilidades do indivíduo por sua vida, por suas idéias e pensamentos, e por suas ações. Dessa forma, o caminho do despertar espiritual não é apenas o caminho da liberação espiritual, mas o da liberdade individual. Pois, apenas quando o caminho espiritual é livremente escolhido, perseguido e praticado com total propriedade e autoria de nossas próprias vidas, pensamentos, idéias e ações, ele é autêntico.

Da mesma forma que um camelo precisa ser descarregado para conseguir passar por um portão estreito, um indivíduo precisa descarregar seu apego e sua possessividade para entrar no reino de Deus. Mas isso não significa que é necessário que ele seja materialmente pobre ou

não possua nenhuma propriedade. Não é da propriedade, e sim da possessividade que é necessário nos libertarmos para perseguirmos tanto o caminho do despertar espiritual quanto o caminho da criação de riqueza, como uma maneira para alcançar a verdadeira felicidade e realização.

Esses pensamentos e descobertas, desenvolvidos aos meus vinte e poucos anos, durante e após minha permanência na Índia, fizeram com que eu decidisse seguir uma direção radicalmente diferente da abordagem do monastério ascético defendida pelo mestre Dogen, que forma a tradição Soto do Zen Budismo, no qual fui iniciado e ordenado.

Mestre Dogen trouxe da China e iniciou no Japão uma nova abordagem e prática disciplinar de despertar espiritual, que ele chamava de shikan-taza – “(profundo comprometimento) apenas (à meditação) sentada” – que seu mestre chinês Ju-ching também defendia. Tanto Ju-ching quanto Dogen eram apaixonadamente comprometidos com o asceticismo monástico do shikan-taza como um sine qua non do autêntico budismo.

Apesar de ter herdado a prática da meditação como uma característica central da disciplina espiritual transformadora, e apesar de seguir a essência do asceticismo como uma disciplina no desapego e na desidentificação, eu não segui o monasticismo deles. Ao invés disso, eu defendo que as pessoas vivam no mundo, seguindo suas paixões e visões para criar e compartilhar riqueza, enquanto permaneçam não sendo do mundo, vivendo suas vidas no contexto espiritual evolucionário do despertar e da transformação espiritual.

Além disso, alcançamos nosso ápice criativo e evolucionário não quando estamos engajados em reflexões abstratas ou na transformação espiritual individual ou na criação de riqueza material apenas por si próprias, mas sim quando estamos engajados na ação de transformar o todo e de criar riqueza para o todo, do qual somos partes integrantes – seja em uma organização, em uma comunidade, na sociedade ou no mundo todo.

Por essa razão, eu defendo o ativismo baseado no espírito e o engajamento criativo no mundo no qual os caminhos do despertar espiritual e da criação de riqueza se fundem em um movimento criativo e evolucionário de consciência individual e coletiva. Como Peter Senge afirma em seu prefácio, esta não é mais a era da cultivação individual; é a era da cultivação coletiva.

Minha estratégia para alcançar minha visão para a transformação humana e do mundo é descrita nos artigos “Uma Visão Realizada” e “Os Quatro Pilares do Trabalho da Visão-Em-Ação”, incluídas nessa antologia. Nestes dois e em outros artigos e ensaios, abordei algumas das questões mais críticas da vida e da evolução humana individual e coletiva.

Os artigos e ensaios selecionados para essa antologia foram todas escritas durante o período entre 2003 e 2006, quando trabalhei com o saudoso Glenn Olds (professor de filosofia, presidente de universidade, embaixador dos Estados Unidos para o Conselho Econômico da ONU e assistente especial para quatro presidentes americanos) e com outros ilustres colegas para estabelecer a Visão-Em-Ação como uma reedição para o século 21 do The Twilight Club. (O Twilight Club foi fundado originalmente no século 19, como um movimento ético-cultural, por Herbert Spencer, Ralph Waldo Emerson, Wilt Whitman, Andrew Carnegie, Mark Twain, Edwin Markham, Oliver Wendell Holmes, William James, John Burroughs, entre outras grandes personalidades).

Esta primeira publicação de meu livro no Brasil me traz um prazer especial. Os brasileiros que conheci, até mesmo aqueles que foram educados na Europa e nos Estados Unidos e que são altamente intelectuais, possuem um sentido de conexão espiritual com a natureza, com o mundo e com o universo.

Em outro artigo escrevi que a alma do Brasil e do povo brasileiro é o espírito da celebração:

“A alma do Brasil, eu sinto, é o espírito da celebração, que celebra sua riqueza e abundância de criatividade e de diversidade. A alma do Brasil é muito próxima da alma da natureza – o abandono festivo da farta riqueza de criatividade e diversidade...

“O Brasil é uma nação de recursos naturais e humanos imensos. O Brasil representa a unidade que evolui no desdobramento da diversidade – biodiversidade natural e antropodiversidade étnica, racial, cultural, histórica, filosófica e psicológica.

“O futuro do Brasil depende de como e do quanto o país poderá expressar e desenvolver sua alma distinta liberando e conectando-se à sua riqueza de recursos naturais e humanos. O Brasil, em seu desenvolvimento, precisa parar de imitar o modelo ocidental que é incompatível com sua alma. O país precisa criar um novo caminho, que incorpore o modelo ocidental, mas que seja unicamente brasileiro e, portanto, em integridade com sua alma”.

Se meu trabalho puder servir de alguma maneira aos leitores brasileiros, em seu desenvolvimento e evolução individual e coletiva, ficarei profundamente feliz e muito honrado.

Que essa antologia provoque os leitores a pensar e a agir na realização de suas visões para a humanidade e para o mundo.

Yasuhiko Genku Kimura  
Visão-Em-Ação  
Nova Iorque  
Outubro de 2009